

Entrevista com Roger Hands concedida à Rosana Stefanoni em 03/06/2014

Rosana: Como você entrou no *foley*? Qual a sua história até virar artista de *foley*?

Roger: Eu tinha uma banda, e gravava num estúdio onde o Alessandro Laroca começou a fazer gravação de bandas. Ele tava estudando ainda nesse momento. Daí eu o conheci e ele produziu um cd, e eu fiquei um tempo sem o ver, acho que ele foi pra fora, foi estudar mais, e eu fui pra outro caminho. Daí quando ele voltou e estava montando o estúdio, ele montou um estúdio de pós produção de cinema, acho que uns quatro anos depois, eles estavam precisando de uma galera, e daí ele me chamou.

Rosana: Já era o 1927?

Roger: Ainda não. Daí ele me chamou e eu entrei lá. Ele me levou em todas as salas, mas quando eu entrei na sala de *foley* e vi aquilo, pelo amor de Deus... Me encantei com o negócio. Olhei a sala de *foley* e falei: eu quero isso aqui pra mim! Aí que eu entrei no negócio, e aí dez aninhos...

Rosana: Quando foi isso? Estamos em 2014, 2004 ou foi antes?

Roger: Eu o conheci acho que em 1998, por aí.

Rosana: E você já começou gravando *foley*? Como foi essa entrada?

Roger: Quando eu cheguei, foi o Anderson Tieta, não sei se você já ouviu falar, ele trabalha lá. A gente era amigo, era da mesma banda, e quando o Alessandro comentou, eu acho que foi ele quem falou: vamos chamar o Roger! Foi ele que me chamou, e ele tava no *foley*, e começou a rolar, eu comecei a ajudá-lo, como assistente, e era um outro mundo que eu estava vivendo. Fiquei assistindo bastante, pegando as coisas, até a hora que chegou o momento de assumir lá como *foley artist*, mas na verdade *foley artist*, pra ser mesmo, você vai ficar a vida inteira, cada cena é uma história, é uma coisa, então você tem que pegar as manhas das coisas, se acostumar com o *sinc*, com o desenho...

Rosana: O Tieta gravava?

Roger: Ele gravava. Apertava o 3 e saía correndo, ele fazia isso. Mas ele não quis muito, talvez agora comigo saindo ele volte a ser *foley*, mas ele é um cara muito bom, tanto com o *foley* como com edição.

Rosana: Que características suas te levaram até o *foley*? Por que ele te chamou?

Roger: Por causa de música, acho que foi mais pra esse lado. Porque tem uma semelhança, mexe com som, né?

Rosana: Foi seu primeiro contato com pós-produção? Antes era só a música?

Roger: Na verdade eu tenho um estúdio de ensaios aqui de muitos anos, então eu já mexia com música, banda ensaiando, gravando ao vivo, eu já vinha desse lado. Estudei música, estudei canto, estudei guitarra.

Rosana: Você tinha um técnico de gravação fixo?

Roger: Em dez anos, eu acho que eu passei por um monte lá, acho que uns 5. Mas na verdade, dos 5, 7 foram bons, porque eu aprendi muita coisa. Aprendi que cada um tem um jeito, e você tem que pegar o jeito da galera.

Rosana: Você não chegou a ter uma dupla de *foley*?

Roger: Com o Anderson Tieta. A gente chegou a ficar sozinho lá no *foley*. Cada um ia pra um lado, ou ele gravava, ou eu gravava, apertava o 3 e a gente corria, era uma coisa que eu acho que foi bem produtiva. Eu acho que é bem importante pra *foley*, o artista tem que ver todos os lados, não pode só ver o lado da performance.

Rosana: E você começou a fazer só performance?

Roger: Isso, comecei a ver filme, a ver as coisas como elas são, até o Alessandro e o Eduardo comentando coisa, porque eles são bem informados em relação a isso, eles passam muita informação diariamente, e comentam isso. Quando eu cheguei lá, no primeiro dia, eu vi o Alessandro mixando um filme, porque hoje eu sei que é mixando, e ele deu um *play* e tava tocando *bg*, tava todo bonito o som, e daí ele mudou o diálogo e cara! Como eles fazem pra separar esse som!? Eu não acreditei naquilo! Daí depois ele começou a mostrar o *foley*, as outras coisas, e eu ouvi e pensei: cara, que mundo é esse, são vários sons, é muita informação de som.

Rosana: Nos últimos tempos, qual era a sua função lá dentro?

Roger: Eu editei bastante coisa já, por alguns problemas que eu tive lá, eu tive que parar de editar, mas eu gostava de editar...

Rosana: Você editava o seu próprio *foley*?

Roger: Sim, e também o do Tieta, porque quando a gente revezava, dependendo do rolo, cada um pegava uma coisa e ia embora. Editava o dele também, então era legal pra mim. Mas devido a alguns problemas, o Eduardo falou comigo e disse que eu tava bem no *foley*, pra ir fazer *foley*. Tanto é que em alguns filmes eu queria que fosse o nome como editor, né? Mas qualquer coisa de *foley* pra mim é ótimo.

Rosana: Passou a ter uma equipe de edição?

Roger: A gente já teve uns quatro ou cinco editando lá, às vezes era muita coisa, e também umas coisas de gravação, por costume achar que arruma na edição, e aí começaram a pintar umas coisas assim, e muita gente editando. Mas depois a gente começou a acertar, e quando ficou eu e o Tieta lá, em dois a

gente dava conta dos filmes, depois que eu saí, chegou a ter uns quatro ou cinco, e agora, no final, teve uma conversa de que as coisas tinham que sair quase prontas da gravação, com preocupação de sinc, interpretação, pra na edição já não ter muita coisa. E aconteceu que a gente estava em três, e o cara mesmo que estava gravando, o Schultz, ele gravava e já meio que colocava no lugar, com fades, e deixava pronto pra edição não ter muito o que fazer. Evoluiu muito o estúdio, muito tempo gravando, você repete muita coisa e chega uma hora que faz de primeira, com a interpretação você consegue entrar no filme, daí acho que é bem mais fácil.

Rosana: Com quem você aprendeu a fazer foley? Quem foi importante?

Roger: Aprender mesmo, eu via o Anderson Tieta, porque foi o primeiro contato que eu tive com o foley. Eu acho que foi ele, o Alessandro e o Eduardo. Além dos vídeos que eles sempre mandaram, e eu procurei no youtube também, eu comecei a ver como fazia, mas muita coisa foi dentro da sala. Você começa a ver o filme e às vezes não tem tempo, então olha pro que tem lá dentro e vê o que sai.

Rosana: Qual você acha que é a função do foley dentro da trilha?

Roger: Acho que o foley traz a realidade do ator.

Rosana: Você acha que ele pode ser narrativo?

Roger: Sim, lógico, em vários filmes, em várias cenas você interpreta o momento. Tem atores que você vê o jeito que ele anda e tem que andar igual, interpretar, e trazer esse som pra quem vai assistir, é a presença que o Alessandro sempre fala, da presença do ator.

Rosana: Qual a sua estrutura de gravação, de equipamentos?

Roger: Agora até a sala mudou, eles vão colocar umas fotos no site, o estúdio está muito bonito, tá bem diferente do que eu trabalhei há muito tempo. Eu tô ajudando a mudar tudo. Mas então, tem vários microfones, e cada um serve pra alguma coisa, os caras sempre falavam pra usar vários microfones, mas chegava na mixagem tinha mixador que dizia que com um microfone só tirava qualquer tipo de som. Então eu ficava vendido, porque não adiantava. Então eu ia gravar e mandavam eu por o 416 e o Neumann, e eu microfônava, mas não tinha como saber o que eles iam usar, então ficou uma coisa travada de microfone. Daí depois que eles começaram a querer usar, a ir junto lá, começaram a estudar cada timbre de microfone, e ainda estão nessa. Que eu me lembre lá tem o Neumann...

Rosana: Pra gravar roupa?

Roger: Eles tentaram pra gravar roupa, ele tem mais brilho, mas o Alessandro já não gostou muito, ele prefere o 416, porque tem umas coisas de gosto do mixador, tem lá o DE57, da Shure...

Rosana: Qual o que você mais usava?

Roger: o Sennheiser 416.

Rosana: Como era a sala? Qual o tamanho e seus pits?

Roger: A sala eu sempre gostei, é grandona. É uma casa quase perto do centro de Curitiba, entre um bairro nobre e o centro, então a sala dessa casa, que embora eu ache que tenha sido feita nos anos 70, é bem grandona e bem alta, tem quase três metros de altura, então tem reverb, dá pra você usar bastante o som, e tanto abafar. Agora está mais abafada ela, mais fechado o som, tá mais fácil de tirar timbre bom, foi o que eu notei depois de 9 anos e 11 meses, agora o som tá ficando bom.

Rosana: Como você divide o *foley* pra gravação? Quais as categorias que você usa?

Roger: Eu vou primeiro pro step, depois roupas, depois props. Os toques ficam na parte de objetos, quando entra props, a gente chama aqui de TQ, a gente começa fazendo eles, porque daí muda o microfone.

Rosana: Alguém lista o que você vai gravar?

Roger: Eu fiz muito *spotting*, agora quem tava fazendo era o editor. Assiste, faz o *spotting* e manda pra gente.

Rosana: Como é o *spotting*?

Roger: Tá ligada o Pro Tools? É nos *markers*, cada começo de movimento, ultimamente a gente tá fazendo assim os *spottings* de *steps*, tem que assistir antes de fazer, cada mexida de alguém andando, põe um *marker*, já “spota” o *step* assistindo.

Rosana: Em quanto tempo vocês aprontam um longa de 100 minutos?

Roger: Meio difícil falar, porque depende da cena, mas o que a gente tá fazendo ali, acho que são 50 minutos em 3 manhãs.

Rosana: Vocês gravam em períodos de quantas horas?

Roger: A gente chegou a fazer gravação em 8 horas.

Rosana: Um rolo levava quanto tempo? 1 dia? 2 dias?

Roger: Por aí, menos até, depende...Pode chutar dois dias por rolo, tomando bastante café e conversando, na verdade é muito importante se falar sobre a cena e o filme.

Rosana: Você grava tudo o que você vê na cena ou você assiste e decide o que vai ou não gravar? O que vocês conversam nos cafés?

Roger: É isso aí, sobre isso mesmo, o que é importante na cena? Porque fazer, a gente pode fazer tudo. No começo, quando eu entrei lá, era assim. Eu já entrei nessa escola, nessa história de o que vê, tem que fazer, depois a galera começou a falar em enxugar. Aí chegaram os seriados, as coisas que não tem muito

tempo, então você tem que fazer o *foley* olhando pro rosto de quem está na tela. Sabe como? Você tem que enxugar muito mais, não começar a ver coisas, você vai assistir o filme e olha pro rosto do ator, então você começa a tirar coisas, porque o espectador ele meio que vê isso, nós é que pensamos em som. Muita gente vai ver o filme e vai ficar olhando pro cara, ele mexe a boca, você está nessa expressão, e o som ali vai comendo solto, então você começa a tirar umas coisas.

Rosana: Como é o seu trabalho de *foley* com o Som direto?

Roger: Tem gente que não gosta, mas ouvir o som direto e tentar reproduzir pra mim é uma coisa magnífica.

Rosana: Você recebe o som direto?

Roger: A gente recebe a OMF, que mandam, e tem *take* só de *foley* que eles gravam. Cara, eu particularmente gosto muito de ouvir o som direto e reproduzir com qualidade, com coisas diferentes. E tem filme também que você começa do zero. Tem sonzinho que não é aquilo, você tem que construir algo muito maior.

Rosana: Quando a cena é dublada tem diferença?

Roger: Sim, isso o mixador às vezes já avisa que vai ser dublado e que quer completo, quer não sei o que, precisa de tal coisa, e isso vai mais de quem está lá na frente, o que precisa pra completar aquilo.

Rosana: O que você leva em conta na hora de escolher os materiais?

Roger: Na verdade, o sonho de quem faz *foley* é ter um ferro velho, ter uma casa das fechaduras, ter uma cozinha, tudo pronto, mas como não tem você tem que olhar o que tem na sala e tentar reproduzir aquilo. Como eu já conheço o que tem na sala, eu assito o filme e vejo o que não tem, daí a gente corre pra ver quem tem e empresta, pra não acumular muita coisa, porque a gente não tem estrutura pra isso lá,

Rosana: Onde ficam os objetos de vocês? Ficam num lugar separado? Fica tudo na sala?

Roger: Tudo na mesma sala, é complicado, porque às vezes você dá uma porrada forte lá e já começa a galera a manifestar, ou seja, o vidro, o capô, é muita coisa...

Rosana: Quando você olha pra cena e o ator está mexendo no objeto, qual o caminho da sua mente pra chegar no objeto que você vai usar pra fazer o som?

Roger: Primeiro a gente tem que... Como eu já to lá há algum tempo, o certo pra quem não tem muito conhecimento é começar do zero, por exemplo, o cara tá com uma luva de couro, você pega a luva de couro, você tem uma luva de couro, mas tua luva tem muito brilho, aí muda o microfone, tenta usar uma outra coisa, usa um pano pra abafar, então muda muita coisa, depende de cena, de trilha, de distância.

Rosana: Você trabalha o posicionamento do microfone com perspectiva?

Roger: Isso, há alguns filmes já, que é o que a gente chama de SC, *Soundscapes*. Por exemplo: tem uma cena no restaurante, já bota um microfone longe e um na mesa, aí começa a desenhar o que tem na mesa, desenhou, volta e faz um *take* no contra, captando com um outro mic, a gente já tá fazendo isso há um longo tempo, já desenhando com perspectiva. *Step* a gente começou agora, porque um mixador começou a ir na gravação, e com o ouvido dele de mixador, com as coisas no lugar na cabeça, ele chegou e disse: “afasta mais, põe ali”, e isso pra mim foi muito massa, daí você ouve e vê que começa a colar porque você ouve que tem som de sala.

Roger: Como é o seu relacionamento com o Supervisor e com o Diretor do filme?

Roger: Não tem muito...Supervisor na verdade não tem ...

Rosana: Como acontece quando você recebe o filme? Ninguém te diz nada?

Roger: Já aconteceu de não falar mesmo, pega o filme e vai. Mas depois começou a ter reunião. O Alessandro faz a reunião com o diretor e chega aqui e faz uma reunião com a gente. Quando ele começou a ter tempo pra fazer isso, porque era muito corrido, daí as coisas começaram a encaixar melhor. Mas já aconteceu de fazer em um filme, e nos próximos três não fazer nada, sabe? Mas a gente também já tá acostumado com as coisas.

Rosana: Já sabe com o ele gosta?

Roger: Mais ou menos... Porque vai de diretor também, tem diretor que quer exagerar, tem diretor que quer som direto, então você tem que estar meio ligado nisso.

Roger: E durante o processo? Você apresenta rolos?

Roger: O que acontece é assim: chega o filme, assistimos, analisamos o filme, escolhemos o sapato pra ele, enfim, aí a gente começa a gravar. Gravamos *steps*, roupa e *props* do primeiro rolo, terminamos? Tem que fazer um *bounce* com tudo isso, manda no *transit* pra galera e avisa no *Skype*, e quem estiver editando diálogo e efeito já puxa e vê o que a gente tá fazendo. E eles também fazem isso, diálogo primeiro *bounce* e tal, e você começa a se ligar com o que o outro está fazendo.

Rosana: O que você busca durante a gravação? Qual a característica de um bom foley?

Roger: Eu sei que quanto melhor a captação, a posição do microfone, é importante pro mixador, porque ele quer assistir já ouvindo um timbre bom, então você tem que pensar nisso, já começa aí. Aí mais a interpretação. A gente tem umas rouponas pesadas, pra coisa pesada, usa o microfone diferente pra dar os tapas e os socos, tem coisas de banco que a gente fez na sala de *foley*, mas hoje em dia usa em banco. Tem essa interpretação, o cara deu um tapão mesmo, foi forte, ou foi devagar, mão aberta, mão fechada, ou é na pele? Tem todo esse desenho.

Rosana: Você se ouve na gravação?

Roger: Eu escuto um pouco do som direto, que eles mandam sempre, aí eu vou ouvindo. Esse filme segue o som direto? Esse filme começa do zero? Mas eu sempre tenho que ouvir pra ir interpretando também.

Rosana: Você tem algum projeto favorito?

Roger: Tenho vários. Teve um aqui em Curitiba, que é o Curitiba Zero Grau, que foi feito aqui e a galera tentou fazer, sem recurso fica um pouco difícil, mas eu gostei muito de fazer. Esses filmes conhecidos... Se eu falar pra você que tem um favorito, eu vou estar mentindo, porque eu comecei a falar e veio um monte de filme... Cada filme que você vê, o *step*, o som que você conseguiu interpretar, mas não sei... Junta tudo numa coisa só.

Rosana: Você tem algum caso de bastidor?

Roger: Na cena tinha um cara carregando um saco de cimento, e o cara queria que eu carregasse um saco de cimento, e eu tirando sarro, porque coincidiu na sala ter, e eu disse: beleza, então! Peguei o saco e fiz com ele mesmo. A gente sabe que geralmente é o som, se você vai soltar no chão você precisa do peso, mas se você vai carregar você não precisa, porque esse peso não vai ter som.

Rosana: O que você já teve que usar de matéria estranho pra construir um som?

Roger: Teve uma vez que pareceu que o Eduardo estava me tirando na época, porque foi bem no começo, tinha que gravar uns beijinhos, uns toquezinhos, e ele falou: vai lá, Roger, pega uma laranja, vamos beijar uma laranja! E ficou um troço muito nojento... Já aconteceu bastante coisas assim.

Roger: Teve experiências com água?

Roger: Já aconteceu de pisar na água, e eu esqueci e botei a mão no microfone. Cara, eu grudei no microfone. A gente foi gravar estilingue, a gente teve que gravar o som na sala de *foley*, e a gente tinha que gravar também a pedrada nas coisas, então teve uma vez, tem um vidrão na sala, e eu cuidei no máximo, mas que eu quebrei muita coisa eu quebrei...

Rosana: Tem mais sons interessantes que você lembra?

Roger: Teria que lembrar... Porque a gente é acostumado a fazer algumas coisas misturadas com os efeitos, não é só *foley*. Então às vezes tem uma queda de avião, carro tombando, moto, então tem umas misturas.

Rosana: Como é a sua relação com as etapas posteriores? De edição, pré mix e mix final?

Roger: Como a gente já trabalhou muito tempo junto, tem coisa que não precisa falar. Mas tem que acompanhar, porque às vezes tem o desenho da cena, ou muda a trilha, sabe? Quando muda alguma coisa, tem que conversar sobre isso.

Rosana: Você já mudou o seu jeito de gravar depois de ouvir pré mix e mix final?

Roger: Tem muita coisa de gosto. Lá tem dois mixadores, e um já é mais experiente, que é o Alessandro, e o Renan, que é um bom mixador, mas ainda falta um tempo pra ele pegar umas coisas. De *steps*, eu cheguei a ouvir *steps* e ver que a interpretação não era essa, o som não era esse, mas aí já tava no filme. Tem coisas no filme que não tem som, que o editor coloca às vezes pra mentir a cena, e de repente passou longe do *foley*... Esse esquema de *foley* é muito difícil, mesmo que você acompanhe, o editor já tem um pensamento, você pensa de um jeito gravando, o editor já tem liberdade de pensar de outro, se ele quiser mudar muito, você tem às vezes até que voltar e fazer outro. Ou até o mixador.

Rosana: Você dá muita opção ou já manda mais fechado pra tentar direcionar essa edição?

Roger: Já deixei muita opção, três assim de *steps*, hoje em dia não, hoje em dia é um *step* que a gente desenha e escuta. Funcionou? Acabou. Não tem muito o que mexer não. Pra gente poder fazer isso em três manhãs ou em dois dias os 50 minutos, não tem jeito, as coisas tem que estar bem no lugar.

Rosana: Quando você faz camadas, você já manda acertando volumes?

Roger: Tem coisa que precisa... A gente manda *flat*. A gente procura fazer tudo num *take* só. Hoje teve bastante cena com garrafa, copo, "bebe" e mesa, a gente procura fazer tudo num *take* só, ela pegou eu pego também, quando não dá, faz o que faltou e tenta reduzir *takes*.

Tem muita piada lá sobre cavalo, eu fiz bastante som de cavalo, com várias pessoas gravando, mas tem essas camadas, se lá é pedras, tem que ter o som do côco, o som da pedra, o som da boca, os penduricalhos, são várias camadas.

Rosana: Quando vira 1927?

Roger: Acho que faz uns 5 ou 6 anos. Essa casa, quando eu cheguei eles já estavam há um tempo, onde eu gravei com a minha banda, esse estúdio foi pra um outro lugar e o Alessandro alugou pra fazer pós produção lá.

Rosana: Mudou só o nome?

Roger: Isso. Não sei se era DN Art, que era do Eduardo, não sei se ele e o Alessandro fizeram um filme antes, fizeram lá o "Cidade de Deus" juntos, eu não lembro... E depois que veio a vontade de ter um nome do estúdio.

Rosana: Quem foi o responsável por estruturar o foley no estúdio?

Roger: Acho que o Alessandro, né?

Rosana: Quem definiu quais seriam as categorias e o que seria gravado?

Roger: Essas coisas eles já tinham de escola que eles foram pra fora, e foram passando pro Tieta e daí pra mim. Eles iam dando umas dicas, e a gente também, com o tempo, foi pegando o esquema.

Rosana: Qual foi o seu primeiro longa?

Roger: O meu primeiro longa registrado é o “Dois Filhos de Francisco”. Eu fui assistente, cheguei a fazer alguns *steps*, algumas coisas, que é do “Cafundó” e do “Jogo Subterrâneo”. Mas teve outros, uns curtas antes, que eu não lembro.

Rosana: Você tem feito outros projetos além de longas e curtas?

Roger: Curta na verdade eles não pegaram mais faz um longo tempo, o que está rolando agora são os seriados, mas acho que eles tão querendo voltar só pra longa.

Roger: Você vê futuro na profissão?

Roger: Eu tenho uns amigos aqui também que fazem, na minha salinha pequena, vou ver se consigo fazer alguma coisa aqui já.

Rosana: É possível viver de *foley*?

Roger: Acho que talvez... Eu acho que dá, porque tem muita coisa, das pessoas com quem eu converso que estão nesse meio... Tá certo que no estúdio eles pegam filme com orçamento melhor, mas pra mim, eu nunca me importei muito com essas coisas, independente disso eu fiz muito curta aqui de Curitiba com uma galera muito massa.

Rosana: Qual a sua relação de trabalho com o estúdio?

Roger: Eu era registrado até esse mês, mas eles estão com o pensamento de mandar a galera embora e terceirizar, e eu, por conta de uns problemas aí, estou aproveitando e indo de vez.